

Almeida, Maria Antónia Pires de (2002), “Ferreiro”, Conceição Andrade Martins, Nuno Gonçalo Monteiro (orgs.), *A Agricultura: Dicionário das Ocupações*, Nuno Luís Madureira (coord.), *História do Trabalho e das Ocupações*, vol. III, Oeiras, Celta Editora, pp. 314-315. ISBN: 972-774-133-9.

Ferreiro.

Grupo: Outros.

Variantes: Ajudante de ferreiro, Aprendiz de Ferreiro, Craveiro, Malhador, Mestre Ferreiro, Na oficina, Oficial de ferreiro.

Fabricante de utensílios em ferro, o ferreiro tinha grande importância na agricultura e no mundo rural em geral pois moldava o metal que era aplicado no fabrico dos instrumentos e alfaias usados nas diferentes actividades agrícolas, em complemento da actividade do carpinteiro ou do abegão. Podia também acumular o trabalho com o ferrador, ferrando as bestas. Ou podia especializar-se no fabrico de cravos (pregos) para as ferraduras, tornando-se um *Craveiro* (Livros de Décimas, Avis, 1778, com as grafias: *Craueiro / Craueyro*).

Para o ferreiro moldar o ferro era auxiliado pelo *Malhador*, que malhava (batia) no ferro enquanto quente. Tinha de ser sempre um homem muito forte: “o malhador era um homem com um malho grande de ferro, que batia o ferro na forja, um latagão... O mestre ferreiro pegava na pinça ou na tenás, com um bocado de ferro na forja em lume, e o malhador pegava no malho, batia o ferro, esticava o ferro, à castanha, à pressão do malho...” (fontes orais). Esta categoria do *Malhador* era hierarquicamente inferior ao ferreiro e aparecia com frequência nas fontes como “Malhador de ferreiro” ou “Malhador (ajudante de ferreiro)” (Livros de Doentes da Misericórdia de Avis, 1890-1906), o que o distinguia dos malhadores que realizavam a debulha dos cereais (ver **Malhador***, Lavoura de cereais). Ambos estão presentes nos livros de contabilidade de grandes casas agrícolas, como por exemplo na Herdade da Palma em Alcácer do Sal em 1872-89. Nesta lavoura o ferreiro tem a categoria de *Ferreiro da Caza*, o que faz dele um Trabalhador permanente da herdade, com a oficina no monte. Por outro lado, no Monte Padrão em Figueira e Barros, 1938-60 estava no grupo dos “trabalhadores eventuais”, os que eram contratados para uma tarefa.

Nestas lavouras era comum ter a designação de *Mestre Ferreiro*, uma classificação frequente também nos Livros de Décimas (por ex. Avis, 1778, com a grafia *Mestre fereyro*) e nos Registos Paroquiais (por ex. Avis, 1791, com a grafia *Mestre ferreyro*).

Este mestre contratado à tarefa tinha geramente a sua oficina na vila mais próxima, onde recebia os seus clientes e guardava os seus utensílios e de onde se deslocava para estes trabalhos eventuais nas grandes herdades. A oficina podia pertencer-lhe ou ser arrendada. Em qualquer dos casos, o ferreiro podia ser também um proprietário de prédios urbanos ou rústicos, como se pode ver nos Registos Paroquiais, onde por vezes surge a categoria acumulada de “Ferreiro e Proprietário” (por exemplo Avis, 1882 e Lamego, 1890).

Além do Malhador, o Ferreiro podia ter um *Ajudante* (Herdade da Palma, Alcácer do Sal, 1872), um *Aprendiz* (*idem*; Livros de Doentes da Misericórdia, Avis, 1865-68) ou um *Oficial de ferreiro* (Montaria-Mor, Lavradio, 1779; Registos Paroquiais, Avis, 1836; Misericórdia, Avis, 1859; Arraiolos, Contribuição Municipal, 1839).

O ferreiro é um dos artesãos mais frequentes nas fontes consultadas, o que revela a necessidade dos seus serviços ainda em pleno século XX. É uma profissão exclusivamente masculina.

O seu ofício encontra-se em Elvas em 1280 (Chancelaria de D. Dinis) e em Évora no século XV (Marques, 1981). Jorge Fonseca (1997) encontrou alguns em Évora e Vila Viçosa (*Ferreiro do Duque*) no século XVI como donos de escravos, a quem ensinavam a sua arte.

Nos Forais Manuelinos é referido em 18 localidades (1500-1520). No século XVII podemos encontrar ferreiros em Santarém e Palmela (Palma, 1987). Os Livros de Décimas de Avis e Montemor-o-Novo referem-nos desde 1690, mais nas vilas que nos respectivos termos. No livro de 1778 (Avis) representam 4% dos artesãos e em 1836 ocupam o 3º lugar desta lista, com 12%, depois dos sapateiros e dos carpinteiros. Também em Trás-os-Montes em 1796 estão em 3º lugar, com 14%, depois dos alfaiates e dos sapateiros e com a mesma percentagem dos carpinteiros (Mendes, 1981).

Durante a primeira metade do século XX foi ainda uma profissão muito abundante em meio rural. Apenas a partir dos anos 60 é que se começa a verificar uma diminuição que acompanhou a entrada numa maior mecanização na agricultura e a substituição do trabalho humano e animal por máquinas.